



TINA, INTERAÇÕES POÉTICAS NUMA PRÁTICA CULTURAL E ANCESTRAL

TINA, POETIC INTERACTIONS IN A CULTURAL AND ANCESTRAL PRACTICE

Eriel de Araújo Santosⁱ

Universidade Federal da Bahia

Luisa Magaly Santana Oliveira Reisⁱⁱ

Universidade Federal da Bahia

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre o encontro de práticas artísticas multidisciplinares e a vida de uma baiana de acarajé, Ernestina Moreira da Conceição - Tina. Aqui, os saberes ancestrais e conhecimentos da arte e design são norteadores das ações e escolhas utilizadas para realização do projeto que resultou neste texto. Nesse projeto, foi proposto a criação de um tabuleiro para venda de acarajé, realização de um documentário e roda de conversa. Os resultados alcançados formam um conjunto de trabalhos que enfatizam a importância e reconhecimento da cultura africana e o papel da mulher negra na sociedade e história da Bahia. Destacamos que em cada objeto construído encontramos uma relação técnico-poética e religiosa. Assim também, importantes pensamentos de autores como Amadou Ampaté BÂ, Gaston Bachelard, Elma Maria Fonseca de LIMA, e Manuel Querino que contribuíram para a elaboração deste texto.

PALAVRAS-CHAVE

Artes plásticas. Tecno-poética. Design. Cerâmica. Video

ABSTRACT

This article presents reflections on the encounter of multidisciplinary artistic practices and the life of a Bahian woman who sells "Acarajé", Ernestina Moreira da Conceição - Tina. Here, ancestral knowledge and knowledge of art and design guide the actions and choices used to carry out the project that resulted in this text. In this project, it was proposed the creation of a "tabuleiro" (a type of trolley or very small food truck) for selling "Acarajé", the production of a documentary and a public conversation. The results achieved form a set of works that emphasize the importance and recognition of African culture and the role of black women in the society and history of Bahia. We highlight that in each constructed object we find a techno-poetic and religious relationship. Likewise, important thoughts from authors such as Amadou Ampaté BÂ, Gaston Bachelard, Elma Maria Fonseca de LIMA, and Manuel Querino contributed to the development of this text.

KEYWORDS

Fine arts. Techno-poetics. Design. Ceramics. Video



Introdução

Início da noite. Ao saírmos do laboratório, após uma jornada intensa de aulas, nós dois encontramos Tina empurrando seu carrinho e tabuleiro. Paramos e imediatamente me ofereci para ajudá-la, ela agradece e diz que não precisa, mas insisto e sigo ombro a ombro empurrando seu carrinho até o local destinado. Conectados pela labuta, lutas diárias que muitas vezes são moldadas por camadas de vitórias, alegrias e sofrimentos, percebemos que isso é vida. Nos despedimos e Tina seguiu para seu lar, encontrar a família e descansar. Nós ficamos emocionados com aquele momento; decidimos então, contribuir para uma melhoria ergonômica e estética daquele carrinho.



Imagem 1. Detalhes da montagem, desmontagem e deslocamento do tabuleiro de Tina.
Fotos: Cristiano Piton



A ideia inicial seria a substituição das rodas e uma nova pintura para o carrinho de tina. Contudo, fomos percebendo que seria necessário mais que isso, pois haviam outros fatores importantes a serem trabalhados. Foram surgindo muitas ideias, mas para realizá-las seria necessário um apoio, pois, até então, estávamos dispostos a custear a produção do novo tabuleiro. Poucos dias após iniciada essa proposta, até então sem o conhecimento de Tina, surgiu um edital de extensão na universidade. Resolvemos ampliar o projeto e compartilhar a proposta com Tina, pois sendo aprovado teríamos um apoio financeiro para sua realização. Seguimos contentes e confiantes com o apoio e alegria dela.

O projeto intitulado “Tina: uma identidade cultural baiana” foi aprovado no edital PAEXDOC-UFBA 2022. Nesse projeto, propomos um conjunto de ações que envolvia um estudo de caso da baiana de acarajé - Tina, produção de um documentário e principalmente a criação de um tabuleiro de acarajé personalizado. Nesse momento, convidamos mais um professor para trabalhar conosco, Cristiano Piton. É importante salientar que ao avançarmos na execução das ações propostas, surgiram outras pessoas que participaram e contribuíram significativamente para a viabilização e conquista de excelentes resultados alcançados. Destacamos que este projeto teve a colaboração especial do Grupo de Pesquisa Arte Híbrida (CNPq/UFBA), da professora Renata Voss e dos estudantes da EBA-UFBA: Eliezer Silva e Mathias Duarte. Somados ao trabalho: Vidraçaria: Hugo Alcântara; Marcenaria: Ademir Pereira, Reinaldo Costa e Márcio Aurélio; Serralheiria: Péricles Maia; Costureira: Edith Araújo; Esteticista: Luiza Gardênia; Servidores da EBA-UFBA: Orlando Sacramento, Francisco Santos e Manoel.

Os estudos técnicos, ergonômicos e estéticos para a construção do tabuleiro-carrinho foram acompanhados por estudantes dos quatro cursos da Escola de Belas Artes, durante os encontros e ações realizados nos laboratórios; promovendo assim, uma pedagogia inter-relacional entre o ensino, a pesquisa e a extensão e ampliando a percepção dos estudantes para o entorno da EBA.



Após esta breve apresentação falaremos sobre o tema central deste trabalho, a baiana de acarajé. A história da Bahia, um dos Estados do Brasil, é uma referência em multiculturalismo, pois as diversas manifestações culturais advindas de várias partes do mundo contribuem para sua identidade. No entanto, aqui ressaltamos a importância das culturas africanas, pois estão evidenciadas no cotidiano da capital soteropolitana, destacada por sua população composta em sua maioria por pessoas negras e na formação cultural do Estado como um todo. Nesse sentido, foi escolhido como ponto de referência para a elaboração deste projeto a história de vida de Ernestina Moreira da Conceição, conhecida como Tina, uma baiana de acarajé. Ela é uma mulher negra que mantém sua localização comercial na avenida Araújo Pinho, n. 212, em frente à Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, desde 1996. Ao observarmos sua dedicação, atenção e preservação desta significativa e histórica prática comercial, oriunda da ancestralidade afro baiana, foi possível perceber que havia muitas questões a serem investigadas, seja a sua história de vida seja o *modus operandi* envolvido em sua profissão e seu tabuleiro.

O tabuleiro da baiana de acarajé tem sua história, importância cultural e econômica a partir do seu uso por muitas mulheres, majoritariamente negras, que conseguiram e conseguem manter a sobrevivência econômica de si e suas famílias; reduzindo assim, o impacto financeiro gerado pelas adversidades oriundas das dificuldades impostas pelos resquícios da escravidão. Esse período nefasto estruturou a sociedade brasileira pelas vias do racismo, refletindo diretamente na vida de trabalhadoras e trabalhadores negros. Há de se destacar que o Ofício das Baianas de Acarajé é um bem cultural de natureza imaterial, inscrito no Livro de Saberes, como patrimônio cultural brasileiro; isso gera um importante diálogo entre a Escola de Belas Artes e Tina, local onde ela estabelece seu ponto, na frente dessa unidade universitária. A partir destas constatações e estudos sobre o tabuleiro de Tina, o projeto foi direcionado para atender algumas necessidades do seu cotidiano, oferecendo praticidade, conforto, durabilidade e representatividade estética, pertinente ao seu tabuleiro. Assim, como afirma Amadou Ampaté BÂ,

Uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do homem e da comunidade, a “cultura” africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela envolve uma visão particular do mundo,



ou, melhor dizendo, uma presença particular no mundo – um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem. (Hampaté Bâ, p.169)

A vida de Tina parece está conectada com o pensamento de Hampaté Bâ, pois em cada ação diária ela cria uma ligação indissociável com sua ancestralidade africana e seus valores culturais e religiosos. Seu ponto, lugar de trabalho, é também um lugar sagrado, um lugar de encontros entre pessoas, saberes e sabores. O mercado de acarajé.

O mercado de acarajé é um grande mercado que os orixás deram para as mulheres de santo da Bahia”. [Ubiratan Castro de Araújo, ex-diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia em entrevista realizada em 18 de dezembro de 2001 - Dossiê Ofício das Baianas de Acarajé - IPHAN]

O Ofício das Baianas de Acarajé, bem cultural de natureza imaterial, foi inscrito no Livro de Saberes, como patrimônio cultural brasileiro, em 10 de dezembro de 2004, a partir da decisão proferida na 45ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada em 1º de dezembro de 2004. Respondendo ao pedido da Associação das Baianas de Acarajé e Mingau do Estado da Bahia, juntamente com o Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia e o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) fez constar no Livro de Registro de Saberes: Inscr. nº 6, de 01/14/2005, a importância cultural dessas mulheres. Desse modo:

Os aspectos referentes ao Ofício das Baianas de Acarajé e sua ritualização compreendem: o modo de fazer as comidas de baianas, com distinções referentes à oferta religiosa ou à venda informal em logradouros soteropolitanos; os elementos associados à venda como a indumentária própria da baiana, a preparação do tabuleiro e dos locais onde se instalam; os significados atribuídos pelas baianas ao seu ofício e os sentidos atribuídos pela sociedade local e nacional a esse elemento simbólico constituinte da identidade baiana. (grifos nossos. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/58>)

Pensando que uma das premissas para a caracterização de uma baiana é o seu tabuleiro e os locais onde se instalam, isto é, as ruas das cidades; e percebendo que, ao entendermos o tabuleiro da baiana Tina como extensão da Escola de Belas Artes, conseqüentemente, este torna-se um local de encontros artísticos e reflexões sobre



as responsabilidades sociais de artistas e designers pesquisadores e da Universidade Federal da Bahia em reconhecer e difundir a cultura afro-baiana.

O acarajé é comida de rua e comida de santo ao mesmo tempo. Articula as várias dimensões da vida social, uma vez que essas mulheres negras, detentoras da culinária ancestral, ofertam aos orixás e vendem à população os quitutes sagrados. Como afirmou Manuel Querino (2011, p.23) “a Bahia encerra a superioridade, a excelência, a primazia, na arte culinária do país, pois que o elemento africano, com a condimentação requintada de exóticos adubos, alterou profundamente as iguarias portuguesas resultando daí um produto nacional”. Um produto encontrado nos vários tabuleiros de acarajé.

O principal objetivo neste projeto foi, então, reinventar um tabuleiro entrelaçado à história de Tina e a história Escola de Belas Artes, regulamentada pela sua chegada em 1996, através da ex-diretora e professora aposentada Márcia Magno. Neste sentido, artes visuais, design e os saberes tradicionais da Bahia são reunidos em um só projeto para que fosse possível a criação de experiências em torno das possibilidades de retribuição do conhecimento adquirido na universidade como bem da sociedade, estimulando o retorno seguro da baiana, Tina, às dependências da Escola de Belas Artes e consequentemente ampliação da sua renda e reconhecimento cultural.

O diagnóstico do tabuleiro foi analisado junto à Tina, que destacou suas necessidades e especificações simbólicas de seu ofício. Foi identificada a necessidade da reformulação estrutural e estética do tabuleiro-carrinho, pois com o avanço da idade e precarização dos materiais utilizados em sua construção, o ritmo do trabalho diário estava se tornando muito difícil. Impactados com tal situação, resolvemos elaborar um projeto que pudesse melhorar suas condições de trabalho. Então, iniciamos estudos técnicos e de materiais para reestruturação, inovação e adequação do tabuleiro do Acarajé da Tina.

Em cada etapa deste projeto contamos com o reconhecimento e colaboração de prestadores de serviços, direção da Escola de Belas Artes-UFBA, professores, servidores terceirizados e estudantes. É importante destacar que o apoio de todas



essas pessoas foi imprescindível para alcançarmos um dos principais objetivos do projeto: entregar à Tina um novo tabuleiro de acarajé. Assim, para a conclusão deste projeto foram definidas três etapas: estudo e execução de um design de produto (tabuleiro-carrinho), realização de um vídeo documentário sobre Tina, roda de conversa sobre os resultados alcançados. É importante salientar que em cada etapa a voz de Tina é a matriz que conduz as escolhas, seja pelos valores simbólicos atribuídos à sua religiosidade seja pela importância de sua própria história, registrada em documentário. Nesse sentido, a produção de objetos cerâmicos, criação da marca Tina, direção e roteiro do documentário, produção de imagens fotográficas, roda de conversa entre outras ações foram consolidadas por interrelações entre arte, design e religiosidade.

Após a conclusão do projeto, constatamos o estímulo e ampliação de suas vendas e, consequentemente, contribuição para sua estabilidade financeira pós-pandemia; somado ao reconhecimento e registro de sua história por meio do documentário disponibilizado no canal TV-UFBA. Assim, reconhecendo-a como uma representante das identidades baianas e da população externa à UFBA, Tina passa a integrar o contexto educacional e cultural da Universidade Federal da Bahia; destacando a importância do ofício de baiana de acarajé para a cultura afro-baiana.

Ao borrar os limites que dividem comunidade interna e externa à universidade, bem como a compreensão inequívoca que o conhecimento é construído por todas as instâncias da vida, é possível afirmar que os saberes são diversos e devem ser considerados legítimos, mediante leitura atenta e contextualizada de sua gênese. Além disso, destaca-se o exercício necessário de entender a cultura afro-brasileira como parte inseparável da realidade do Estado, do País e da Educação por meio das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, consolidando-a no currículo dos cursos da Escola de Belas Artes.

O tabuleiro de Tina funciona então como um marco, um lugar de passagem, paradas e encontros com a Baiana da EBA, sua história e seus bolinhos de fogo. O acarajé é uma comida de rua, comida de Orixá e articula dimensões sociais, políticas, econômicas e religiosas de mulheres, majoritariamente negras, conhecedoras da culinária e sagrado africanos. Elas ofertam aos orixás, trocam com a população seus



quitutes e embelezam as cidades com suas identidades, marcadas pela indumentária, sabores e beleza negra.

INTERDISCIPLINARIDADE: ARTE, DESIGN E RELIGIOSIDADE

As ações que acompanharam este projeto são atravessadas pelos conceitos pertinentes ao Patrimônio Cultural, Design, Artes Visuais, História Afro-brasileira, Religiosidade, Economia e Sociologia. Nesse sentido, entendemos que em cada imagem, forma, palavra, cor ou objeto que compõe os resultados alcançados neste projeto estão presentes informações de vários campos do conhecimento aqui destacados. Resultando num amálgama de saberes e valores imanentes e transcendententes.

Lembrando sobre a importância dos materiais, cores e formas usadas, buscamos compreender a presença simbólica no tabuleiro de Tina como parte essencial de sua apresentação. Assim como a indumentária, figas, adereços e outros elementos inerentes às religiões de matrizes africanas presentes nos tabuleiros das baianas soteropolitanas, as cores, materialidades, a ideia de presença e representatividade formam partes inseparáveis da construção do tabuleiro de Tina. Aqui podemos associar o tabuleiro a uma relação entre a casa e o universo, como discutido por Gaston Bachelard em seu livro intitulado a poética do espaço, pois nesse pequeno espaço demarcado como “ponto do acarajé da Tina” é possível pensarmos que “Nessa comunhão dinâmica do homem e da casa, nessa rivalidade da casa e do universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” (p. 225). Nesse sentido, a geometrização da forma do tabuleiro se expande com a organicidade das vidas imanentes e transcendententes ao seu redor.

A cor, essa qualidade que participa diariamente de nossas vidas, guia muitas escolhas e significados culturais, científicos e religiosos. A cada dia da semana as baianas se apresentam com tons diferentes em suas roupas, inferindo a cor do Orixá do dia. Neste projeto, as cores usadas possuem relações religiosas, pois durante as entrevistas com Tina, a baiana relata a importância da cores para ela e reforça a presença do amarelo (ouro), azul e vermelho, respectivamente, cores que a conectam



com seus Orixás regentes: Oxum, Ogum e Iansã. Assim, cada objeto adquirido ou criado respeitou essas orientações, conexões de conhecimentos e afectos entre seres existenciais.

Para Tina, além do seu tabuleiro estar protegido pelos Orixás mencionados, a cada início das vendas faz questão de oferecer pequenos bolinhos para Exu e as entidades das ruas. Esses influenciam na dinâmica da banca, da comunicação e do mercado justo, onde os dois lados ganham. Assim, Tina garante movimento, diálogo e troca, ações essenciais para que o seu tabuleiro prospere.

Quanto as materialidades, o uso da terra da Bahia na produção das peças cerâmicas, o ferro da estrutura do tabuleiro ou o ouro incorporado ao vidrado cerâmico são alguns detalhes de significância e entendimento em que tais materiais apresentam para as religiões de matriz africana; assim como, em outras manifestações religiosas. Contudo, não podemos esquecer que esses materiais possuem outros valores como, por exemplo, políticos e econômicos.

A ideias de presença, corpo e representatividade apontam para a localização do ponto de Tina, definindo seu território econômico na cidade de Salvador – Bahia, onde seu corpo apresenta sua identidade juntamente com sua ancestralidade africana. Aqui, destacamos que para pensar o design do seu tabuleiro foi necessário um estudo ergométrico do seu corpo e do espaço definido como território da sua história, enquanto a baiana de acarajé da rua Araújo Pinho. Para tanto, foram redefinidas as dimensões do seu tabuleiro-carrinho, respeitando as Leis Municipais que regulamentam seu ofício, bem como acesso ao seu interior, pois o mesmo fica em frente a uma avenida com intenso tráfego de automóveis. Assim, a instalação de portas de vidro corrediças, em frente à baiana, por exemplo, garante a proteção dos seus quitutes e seu conforto ergonômico.

Surge então, o tabuleiro-carrinho. Projetado na parte inferior com estrutura metálica, fechado com madeira, onde se encontram materiais de uso e armazenamento. A parte superior é constituída de vidro, como um aquário; assim, os quitutes ficam visíveis ao público. Os estudos gráficos e protótipos apresentados aos profissionais envolvidos na sua construção foram fundamentais para entendimento e realização de cada peça.



Assim, a presença do ponto de acarajé da Tina baiana, na porta da Escola de Belas Artes, convida o público a parar, alimentar-se fisicamente, espiritualmente e artisticamente, pois proporciona um momento de pausa e observação para os transeuntes.

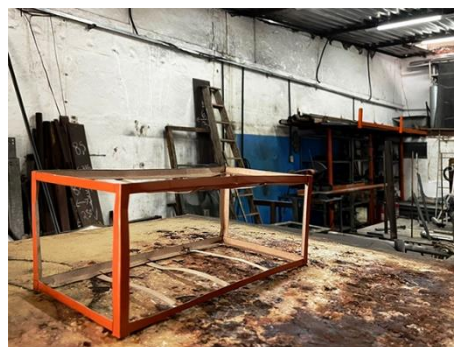
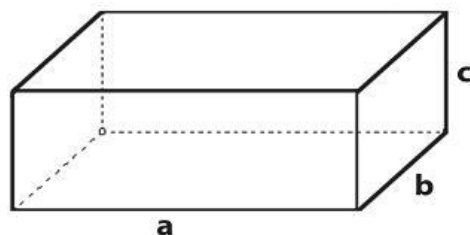


Imagem 2. Sequência do planejamento e construção do tabuleiro-carrinho. Parte superior do tabuleiro. $a = 120,6$ $b = 60,5$ $c = 40,5$ cm.. Fotos: Eriel Araújo



Imagem 3. Estudos e execução de suportes para o tabuleiro-carrinho. Fotos: Cristiano Piton



Imagem 4. Criação e execução de Bowls em cerâmica, vitrificada com ouro. Realização no Laboratório de Cerâmica da EBA-UFBA. Fotos: Eriel Araújo

Destacamos que a estrutura metálica foi pintada com a cor azul, o ombrelone adquirido também em azul, constitui uma conexão com Ogum, um dos três orixás que se conectam com Tina. Enquanto os recipientes que contém os bolinhos de fogo e os demais quitutes, foram produzidos com terras da Bahia, elaborados no laboratório de cerâmica da EBA-UFBA. Esses objetos, criados pelo professor Eriel Araújo, foram construídos a partir da referência da Orixá Oxum, representada pela beleza das suas pérolas e pelo ouro, metal inerente à deusa Yorubá, regente da baiana Tina. É importante salientar que a cerâmica possui significados estéticos importantes e presentes nos ritos de matrizes africanas. Os bowls, cumbrucas, criados para o tabuleiro da Tina, destacam-se pela cor amarelada da argila sinterizada e pelas bordas em ouro 24k, signos da Orixá Oxum. A parte interna recebe um segundo recipiente, onde Tina transporta seus quitutes da sua residência até seu ponto, na cor vermelha, que representa Iansã. Ressaltamos aqui que a cor também contribui na função de abrigar os alimentos que contém dendê, facilitando a higienização dos



recipientes. Os bowls foram construídos para que as vasilhas plásticas, utilizadas por Tina, para transportar seus produtos, se encaixassem perfeitamente, dando mais elegância ao tabuleiro e praticidade ao trabalho diário.

A marca. O professor Eriel Araújo, após vários estudos gráficos para a produção da marca do ponto de acarajé da Tina, trabalhou a partir de referências das ferramentas dos orixás indicados por Tina, seus companheiros, Oxum, Iansã e Ogum. Assim, ele escolhe o abebé, o espelho usado por Oxum, para compor, junto com as espadas de Ogum e Iansã, uma interpretação gráfica e poética que reúne esses elementos numa espécie de flor, estilização do girassol, também associada à Oxum. A fragmentação da linha principal do círculo, com presença de outros pequenos círculos, parece evocar as contas usadas pelos iniciados no candomblé ou mesmo os bolinhos de fogo, o acarajé.



Imagem 5. Marca Acarajé da Tina. Criada pelo professor Eriel Araújo

Desse modo, nasce o documentário. A produção do documentário sobre a vida de Tina, resulta na ampliação da visibilidade de seu ofício, uma profissão existente nas ruas da Bahia. As ações no vídeo foram conduzidas pela voz da protagonista, acompanhada de questões levantadas pela produção. O roteiro foi definido pelos coordenadores deste projeto, em atenção ao cotidiano de uma baiana de acarajé. Dessa maneira, o documentário intitulado “Tina, uma identidade cultural baiana” enfatiza sua relação com a cidade e pensamentos oriundos de uma sabedoria ancestral e vivência soteropolitanas.



Os locais escolhidos para capturas das imagens foram definidos pela importância dos mesmos na vida de Tina, seja no seu lar, seja nos deslocamentos pela cidade de Salvador, desde onde ela adquire os elementos para sua culinária até onde comercializa seus quitutes. A feira de São Joaquim, localizada no bairro de Água de Meninos, na cidade de Salvador, é o lugar onde ela adquire todo material para produção dos seus quitutes. A Sala Riolan Coutinho, na Escola de Belas Artes da UFBA, localizada no casarão central, fica atrás do ponto do acarajé da Tina, pois há 27 anos é um marco arquitetônico importante que emoldura o entorno do seu ponto. Algumas cenas da sua cozinha, onde são preparados os quitutes do seu trabalho, também estão presentes no documentário. Assim também, as imagens do ponto de acarajé da Tina foram registradas em vários momentos, antes e depois da realização deste projeto e em vários momentos do dia até o cair da noite, quando o tabuleiro-carrinho é recolhido para o ambiente interno da EBA-UFBA.



Imagem 6. Tina na Feira de São Joaquim comprando ingredientes da sua culinária. Foto: Luisa Magaly

No dia da entrega do novo tabuleiro-carrinho foi realizado um evento significativo, seja pela conclusão de parte deste projeto, seja pelo significado cultural e religioso inerente



ao ponto de Acarajé da Tina. Aconteceu então a 1ª Lavagem do Ponto de Acarajé da Tina. Divulgado nas redes sociais, o evento contou com a participação da comunidade do bairro do Canela, professores, estudantes e técnicos administrativos da UFBA. A lavagem é um evento já consagrado no calendário das festas populares da cidade de Salvador, onde a sociedade é convidada para compartilhar dos ritos sagrados e profanos durante o evento, onde a comida, indumentária, dança e música são comungadas por todos participantes.



Imagem 7. Convite para Lavagem do Ponto do Acarajé da Tina.

O dia da Lavagem do Ponto do Acarajé da Tina foi definido, após conversarmos com Tina sobre a importância da entrega do seu novo tabuleiro, como o início de um novo período em sua história. Esse momento foi pensado como uma cerimônia relacionada às principais festividades populares existentes na cidade de Salvador. Tina revelou que seu desejo seria realizar um cortejo de entrega do seu novo tabuleiro ao som do ijexá, ritmo inerente à Orixá Oxum, acompanhado com a lavagem do seu ponto com água de cheiro e outros rituais presentes em seu cotidiano para pedir proteção aos seus guias. Assim, definimos a realização da 1ª Lavagem do Ponto do Acarajé da Tina, ocorrida no dia 23 de novembro de 2022, dois dias antes da data que celebra o ofício das baianas de acarajé e no mês da Consciência Negra, importantes marcos da história das lutas pelo reconhecimento da cultura e existência das afro-brasilidades.



O cortejo saiu do Laboratório de Cerâmica da EBA-UFBA (sala 19 do Pavilhão de aulas Mendonça Filho), local onde o tabuleiro ficou armazenado até sua finalização e onde atuam os professores Eriel Araújo e Luisa Magaly.

Este projeto foi finalizado com o lançamento do documentário “Tina, uma identidade cultural baiana”, produzido por uma equipe multidisciplinar e sconscente dos valores da cultura afrobaiana. O lançamento se deu no Salão Nobre da Escola de Belas Artes da UFBA, um marco significativo na história de vida de Tina. Foi formada uma mesa com coordenadores deste projeto, coordenadora do núcleo de extensão da EBA e a protagonista principal deste evento, Tina.



Imagem 8. Convite para lançamento do documentário “Tina, uma identidade cultural baiana.

Uma produção audiovisual é constituída por muitas camadas de informações, definidas por um roteiro; e o tempo é um importante elemento dessa linguagem. Somado a essas observações, verificamos que o tempo possui outras interpretações em outros saberes, outros modos de “entender” o tempo. Para as religiões de matriz africana, por exemplo, o tempo é cíclico:

Para os iorubás o tempo é cíclico, tudo o que acontece é repetição, nada é novidade. Aquilo que nos acontece hoje e que está prestes a acontecer no futuro imediato já foi experimentado antes por outro ser humano, por um antepassado, pelos próprios orixás. O oráculo



iorubano, praticado pelos babalaôs, que são os sacerdotes de Ifá ou Orunmilá, o deus da adivinhação, baseia-se no conhecimento de um grande repertório de mitos que falam de toda sorte de fatos acontecidos no passado remoto e que voltam a acontecer, envolvendo personagens do presente. É sempre o passado que lança luz sobre o presente e o futuro imediato. (PRANDI, p.52)

Em referência ao pensamento de Prandi, podemos associar esse projeto, em especial a produção do documentário, a uma conexão entre tempos e espaços distintos; na qual, o arquivo vivo da história e voz de Tina poderá ser repetido em vários momentos e em distintos lugares, levando parte dos seus conhecimentos e pensamentos para outras vidas de agora e amanhã.

O roteiro do vídeo foi adaptado a partir da espontaneidade e dinâmica da fala de Tina, pois seu pensamento e suas histórias pessoais são como notas de uma música que precisa ser respeitada e difundida. Assim, a realização desse documentário e seu lançamento configura um importante momento para história da Escola de Belas Artes, pois é resultado de um estudo de caso com ações efetivas para dar voz, visibilidade e reconhecimento da cultura afro-baiana. Em um momento de retomada democrática, onde a cultura tem sido entendida como peça-chave para a reconstrução das bases de um país com menos distâncias sociais, este projeto funciona como ação concreta da participação da Universidade em ações referentes à políticas culturais.

Consideramos que esse é um importante material para ser usado pelos sistemas de comunicação, nos vários estágios de aprendizado e divulgação, onde o intuito seja reconhecer a importância dos saberes tradicionais para a formação social, cultural e acadêmica de novos profissionais. O documentário é um material pedagógico que poderá ser utilizado em aulas de diversos componentes curriculares, sejam eles de caráter prático ou teórico.

Colocar a mão na terra para produzir peças de cerâmica, desenhar ideias de formas e composições cromáticas, capturar imagens e ouvir a voz que conduziu esse projeto foi uma experiência artística em comunhão com saberes e vivências multireferenciais, incorporadas em cada objeto, cada ação, cada imagem produzida para a atualidade e histórias das nossas vidas.



Concluimos reafirmando o importante papel da Universidade em desenvolver ações de incentivo ao ensino, pesquisa e extensão junto à sociedade. Com isso, a presença de excelentes profissionais atuantes nas suas diversas áreas na sociedade, bem como a oportunidade de todos que desejam participar desta rede de produção de conhecimento, são somadas às necessidades oriundas da população que estuda o passado, responde ao presente e planeja futuros mais justos e sustentáveis.



Imagem 9 Tabuleiro da baiana Tina antes do projeto Tina: uma identidade cultural baiana.



Imagem 10. Tabuleiro da baiana Tina depois do projeto Tina: uma identidade cultural baiana.



Referências

BÂ, Amadou Ampaté. **A tradição viva**. In SKANDER, Z. (Org.) História Geral da África. Vol 1. São Paulo : Ática, Unesco, 1980. p. 181-218.

BACHELARD, Gastón. **A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-349. (Coleção Os Pensadores).

Dossiê Ofício das Baianas. IPHAN. Acessado em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_oficio_baianas_acaraje.pdf , dia 13/04/2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Decreto nº 3.551. Brasília, agosto de 2000. Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

_____. Ofício das Baianas de Acarajé. **Livro de Registro dos Saberes**. Brasília, 2004.

LIMA, Elma Maria Fonseca de. **Tabuleiro da baiana**. 1a edição. São Paulo: Editora Paulinas; 2015.

PRANDI, Reginaldo. **O Candomblé e o tempo concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 16 Nº. 47, 2001

QUERINO, Manuel. **A arte culinária na Bahia**. 3a edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

SALVADOR, **Decreto-lei Municipal no 12.175 de 25 de novembro de 1998**.

ⁱ Artista visual. Doutor em artes visuais (PPGAV-UFRGS). Mestre em artes visuais (PPGAV-UFBA). Graduado em artes plásticas (EBA-UFBA). Bolsista Líder do Grupo de Pesquisa Arte Híbrida. Professor do Departamento de Expressão Gráfica e Tridimensional e do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Email: eriel@ufba.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4405-1032>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5711679753140543>. PQ2-CNPq

ⁱⁱ Artista visual. Mestre em artes visuais (PPGAV-UFBA). Doutoranda em artes visuais (PPGAV-UFBA). Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Membro do Grupo de Pesquisa Arte Híbrida. Professora do Departamento de Expressão Gráfica e Tridimensional da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. <http://lattes.cnpq.br/3690662186408780>